

Análise da Competitividade das 50 Maiores Cooperativas de Minas Gerais

Analysis of the Competitiveness of the 50 Major Cooperatives of Minas Gerais

Ana Laura da Costa

E-mail: analaura.agronegocio@gmail.com

Bacharel em Agronegócio pela Universidade Federal de Viçosa. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Economia Aplicada (UFV).

Pablo Murta Baião Albino

E-mail: pablo.albino@ufv.br

Professor do Curso de Bacharelado em Cooperativismo da UFV. Doutor em Sistemas Flexíveis de Gestão pela Universidad Pública de Navarra (UPNA) – Espanha. Contato: pablo.albino@ufv.br

Recebido em : 15/04/2018
Aprovado em: 30/05/2018

Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV)

ISSN 2359-5116 | V. 7 | N.1 | JAN.-JUN.2018

RESUMO

A globalização da economia, as transformações no ambiente econômico nacional e, conseqüentemente, o aumento da competição em nível mundial vem exigindo que as cooperativas revejam suas estratégias para se adaptarem ao novo contexto. Neste sentido, o objetivo do trabalho é analisar a competitividade das 50 maiores cooperativas do estado de Minas Gerais. Foi empregada a análise *Shift Share* por meio da variação do número de empregados das cooperativas, considerando o setor de atividades e a região, no período de 2009 a 2016. Foram analisados os efeitos nacional, estrutural e competitivo, bem como a decomposição homotética e residual de cada um desses. Os setores de atividades foram representados pelos ramos do cooperativismo brasileiro que estão presentes no ranking estadual das 50 maiores cooperativas, considerando o número de empregados. Os resultados encontrados indicam que o número de empregados variou, em maior parte, devido ao efeito nacional, ou seja, seguiu o comportamento da economia brasileira no período.

Palavras-Chave: Competitividade, Cooperativas, Análise *shift Share*, Minas Gerais.

ABSTRACT

The globalization of the economy, the transformations in the national economic environment and, consequently, the increase of worldwide competition, have demanded that cooperatives review their strategies seeking to adapt to the new times. In this sense, the objective of this work is to analyze the competitiveness of the 50 largest cooperatives in the state of Minas Gerais. The Shift Share analysis was employed by varying the number of employees of the cooperatives and considering the activity sector and the region from 2009 to 2016. The national, structural and competitive effects were analyzed, as well as the homothetic and residual decomposition of each one of them. The study took into account the state of Minas Gerais, divided into 8 regions. The sectors of activity were represented by branches of Brazilian cooperatives that are present in the state ranking of the 50 largest cooperatives, considering the number of employees. The results indicate that the number of employees varied, in large part, due to the national effect, in other words, it followed the behavior of the Brazilian economy in the period.

Keywords: Competitiveness, Cooperatives, Share shift analysis, Minas Gerais.

Introdução

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) define cooperativas como um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico que tem a capacidade de unir desenvolvimento e bem-estar social. O sistema é baseado na reunião de pessoas e não de capital. O cooperativismo visa as necessidades do grupo e não do lucro, busca prosperidade conjunta. Se baseia em valores de ajuda mútua, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. As cooperativas têm como princípio a adesão voluntária e livre, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação, formação e informação, intercooperação e interesse pela comunidade (OCB, 2017).

A globalização da economia, as transformações no ambiente econômico nacional e, conseqüentemente, o aumento da competição mundial vem exigindo que as cooperativas revejam suas estratégias, buscando assim se adaptarem a esses novos tempos. Rever seus produtos, suas estratégias e estruturas administrativas são ações que visam a aumentar a eficácia e a competitividade dessas organizações (GRAMACHO, RODRIGUES, 1997).

Com base nas teorias de concorrência, a competitividade pode ser definida como a capacidade sustentável de sobreviver e, se possível, crescer em novos mercados (FARINA, 1999). Uma visão capitalista e voltada para o mercado aponta que ser competitivo é criar ações ofensivas e defensivas que garantam uma posição vantajosa para a organização. São estratégias previamente pensadas a fim de facilitar a adaptação da organização às características do ambiente externo (PORTER, 1986).

Segundo a Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais (OCEMG, 2017), as cooperativas mineiras apresentam desempenho positivo em seus indicadores econômicos e sociais, reforçando o importante papel destas organizações na economia e na vida dos mineiros. A região Sudeste representa 36% do número de cooperativas do Brasil, com 2.395 empreendimentos. Segundo dados de 2015, Minas Gerais é o segundo estado em número de cooperativas no Brasil (OCEMG, 2017). Ainda segundo a Ocemg, Minas representa 11,6% das cooperativas, 9,6% do número de empregados e 10,4% dos cooperados do país.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a competitividade das 50 maiores cooperativas do estado de Minas Gerais. A análise *Shift Share*, permite mensurar

essa competitividade através da variação do número de empregados das cooperativas, considerando o setor de atividades e a região.

O artigo está organizado em quatro seções, além desta introdução. A próxima apresenta o referencial teórico, no qual faz uma abordagem das literaturas já existentes sobre o tema. A seguinte, discute a metodologia *shift share analysis* empregada no estudo. A terceira seção apresenta e discute os resultados gerados a partir da metodologia..

Referencial teórico

Uma das definições de cooperativa é que essa seja uma associação entre pessoas que almejam se ajudar de forma mútua, procurando o bem comum de seus associados. No geral as necessidades desses indivíduos são basicamente econômicas, incluindo a produção agropecuária, a produção industrial, o comércio de produtos, oferta de serviços, aquisição de bens, acesso a operações financeiras, crédito e outras.

A opção para viabilizar essas exterioridades, no caso, é constituir de um empreendimento, que se difere pelo fato de seus sócios serem titulares ao mesmo tempo, do capital e da força de trabalho (RICCIARDI e LEMOS, 2000).

As cooperativas vêm avançando e ganhando espaço no Brasil devido a sua contribuição para o desenvolvimento do país, tanto no âmbito social quanto econômico. A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) representa as cooperativas em nível nacional e as Organizações Estaduais (OCEs) nas unidades da federação.

Para Rech (2000, p.22):

A cooperativa é uma iniciativa autônoma de pessoas, caracterizada por possuir dupla natureza, partindo de fato de a mesma ser simultaneamente uma entidade social (um grupo organizado de pessoas) e uma unidade econômica (uma empresa financiada, administrada e controlada comunitariamente), tendo como objetivo principal o de ser utilizada diretamente pelos associados como meio de prover bens e serviços que necessitam e que não conseguem obter individualmente em condições semelhantes.

As cooperativas podem representar uma atividade promissora no que se refere à geração de emprego e renda. Sua importância se eleva ao advertir que sua forma de gestão é baseada na economia solidária, ou seja, no auxílio conjunto de seus cooperados. Não

gera despesas para o governo, pois os próprios cooperados nutrem o sustento e o desenvolvimento das cooperativas. Logo, as organizações cooperativas são aliadas e parceiras, pois geram alternativas de investimento e contribuem nas soluções de problemas socioeconômicos.

Em relação ao fator trabalho em uma cooperativa (RICCIARDI e LEMOS, 2000, p.58), tem as seguintes colocações:

A cooperativa utiliza um método de trabalho conjugado, ao mesmo tempo em que pode ser visto como um sistema econômico peculiar, em que o trabalho comanda o capital. É que as pessoas que se associam cooperativamente são as donas do capital e as proprietárias dos demais meios de produção (terras, máquinas, equipamentos, instalações e outros), além de serem as próprias forças de trabalho. Como essa disposição de se associarem tem o objetivo de realizar um empreendimento que venha a prestar serviços mútuos, é obvio que essa união busca a elevação dos padrões de qualidades de vida desses associados.

Para Souza (2008), entre as organizações que tem o poder de impulsionar o desenvolvimento local, as cooperativas têm um papel fundamental. Surgidas no século XIX, estas organizações, vem como solução para os problemas advindos da revolução industrial.

A importância de estudar as maiores cooperativas de Minas Gerais se dá por vários fatores envolvendo geração de riquezas, capital, geração de emprego entre outros.

O desempenho positivo das cooperativas mineiras foi elencado pelo anuário "Melhores & Maiores: as 1000 maiores empresas do Brasil", publicado pela Revista Exame. As cooperativas foram avaliadas de acordo critérios de excelência empresarial, desenvolvidos pelo ranking Melhores & Maiores. O levantamento levou em consideração os resultados obtidos em crescimento das vendas, lucro, patrimônio, rentabilidade, capital circulante líquido, liquidez geral, endividamento, riqueza criada, entre outros.

Tanto as cooperativas contribuem para o desenvolvimento local quanto o desenvolvimento local contribui para que as cooperativas cresçam, visto que um fornece subsídios ao outro em relação à geração de empregos, renda e oportunidades não somente para os cooperados como também para a população local.

Santos (1993) propõe que a exigência de se tornarem competitivas leva a uma crescente especialização regional produtiva. O autor também fala sobre a produtividade espacial, que é a capacidade de um espaço de rentabilizar uma produção. No entanto, não

só os empreendimentos buscam as regiões mais rentáveis, as regiões também oferecem vantagens para atrair investimentos e manter os negócios já existentes (SMITH, 2008).

Segundo Avelar (2011), para que uma região seja competitiva, é de suma importância oferecer quantidade e qualidade satisfatória dos postos de trabalho, bem como sua ampliação.

Metodologia

No presente trabalho, foram utilizados dados do anuário de informações econômicas e sociais, disponíveis na OCEMG, no período de 2009 a 2016. A variável utilizada foi o número de empregados das 50 maiores cooperativas do estado de Minas Gerais, em 31 de dezembro de cada ano consultado.

Os dados são referentes à quantidade de pessoas empregadas diretamente nas cooperativas, considerando a matriz, as filiais e os postos, sem contar funções terceirizadas, registrada no fechamento do exercício (OCEMG, 2017).

Devido à sua extensão, o estado de Minas Gerais foi dividido em oito localidades, de acordo com as regiões de planejamento, de acordo com a fundação João Pinheiro (FJP), a partir da regionalização do IBGE em mesos e microrregiões. As localidades do estado estão representadas por números, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1. Classificação das localidades no estado de Minas Gerais

Número de Referência	Localidade
1	Central
2	Mata
3	Sul de Minas
4	Triângulo
5	Alto Paranaíba
6	Centro Oeste
7	Noroeste/Norte
8	Jequitinhonha-Mururi/Rio Doce

Fonte: Resultados da Pesquisa. Fundação João Pinheiro

Nesse estudo, as cooperativas foram divididas de acordo com seus respectivos ramos. Os ramos que são apresentados: agropecuário, consumo, crédito, saúde, trabalho e transporte. Os ramos são classificados e referenciados como mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Classificação dos ramos cooperativistas

Número de Referência	Localidade
1	Agropecuário
2	Consumo
3	Crédito
4	Saúde
5	Trabalho
6	Transporte

Fonte: Resultados da Pesquisa com dados do Anuário da OCEMG

Análise *Shift Share*

A metodologia utilizada no trabalho é a análise *Shift Share (SSA)*. O SSA foi desenvolvido por Dunn (1960), tendo a variação do emprego como um método que determina os componentes que explicam variações na economia. Sendo assim, o método permite que sejam analisadas variações no número de empregados considerando a região e o setor de atividades ao longo do tempo. A desagregação da SSA parte de uma variável econômica relevante apresentando sua variação no período na forma de efeito total ($d_{ij} = E_{ij}^t - E_{ij}^{t-1}$). O efeito total ($d_{ij} = n_{ij} + e_{ij} + c_{ij}$) é dividido em outros efeitos que estão relacionados com a evolução econômica nacional (n_{ij}), com a estrutura produtiva da região (e_{ij}) e sua competitividade (c_{ij}) (MAYOR e LÓPEZ, 2008; RAMAJO e MÁRQUEZ, 2008; REIG, 2007; ALBINO E BRAGA, 2016).

Para albuquerque e ferreira (2015, p.6):

A SSA é considerada um instrumento importante para entender a evolução do desempenho de setores e regiões. É um método de análise regional padrão que tenta determinar quanto da variação do emprego regional pode ser atribuído às tendências nacionais e quanto é devido a fatores regionais únicos. Com esta metodologia, é possível identificar os setores e as regiões que se destacam favoravelmente e as que perdem competitividade, sendo útil para empresas e governantes tomarem decisões estratégicas de desenvolvimento. Regiões com efeitos negativos substanciais merecem particular atenção.

O modelo tradicional da SSA sofreu críticas na área de investigação regional (GARRIDO, 2002; KNUDSEN e BARFF, 1991; WADLEY e SMITH, 2003). Nesse sentido, alguns autores propuseram mudanças capazes de intensificar o uso do método a partir da solução destes problemas (ARCELUS, 1984; DINC, HAYNES e QIANGSHENG, 1998; DINC e HAYNES, 2005; ESTEBAN-MARQUILLAS, 1972; HAYNES e DINC, 1997; ALBINO E BRAGA, 2016). O modelo proposto por Arcelus (1984) apresenta a decomposição de cada um dos efeitos em um homotético e outro residual o que soluciona a deficiência apontada, pois os resultados são apresentados considerando o que se espera que ocorra em determinada região e setor (homotético) e o que realmente ocorreu (residual).

Considerando a hipótese do trabalho, o SSA aparece como metodologia adequada para atingir os objetivos propostos, pois, primeiramente permite decompor os efeitos e identificar diferenças na estrutura da organização e as vantagens e desvantagens de cada região. Além disso, a variável utilizada na metodologia é o emprego, variável indicada, já que o modelo foi criado para explicar a competitividade, a partir das variações do emprego em determinada região e setor de atividade.

Neste trabalho, foram utilizadas as seguintes notações na decomposição do modelo SSA adotado: para os efeitos nacional (n_{ij}), decomposto em homotético (n^*_{ij}) e residual (n^{**}_{ij}), estrutural (e_{ij}), decomposto em homotético (e^*_{ij}) e residual (e^{**}_{ij}), competitivo (c_{ij}), decomposto em homotético (c^*_{ij}) e residual (c^{**}_{ij}).

O Efeito Total (d_{ij}) representa a variação do número de empregados das cooperativas do estado de Minas Gerais, divididos por região e setores de atividades. O efeito nacional (n_{ij}) explica o quanto o crescimento do setor j na região i é devido ao crescimento geral da economia nacional. Ou seja, se toda economia nacional crescer, espera-se mudanças positivas em cada setor em sua região. O componente homotético (n^*_{ij}) representa o que se esperava de acontecer com o número de empregados das cooperativas analisadas caso não houvesse nenhuma variação na economia nacional. O Componente residual (n^{**}_{ij}) ilustra o que realmente aconteceu, combinando efeito nacional e o setor de atividades nas regiões estudadas (DINC, HAYNES e QIANGSHENG, 1998; KEIL, 1992; ALBINO E BRAGA, 2016). O efeito estrutural reflete as diferenças entre uma região e a média devido à especialização da produção (CUADRADO, MANCHA e GARRIDO, 1998). Se o efeito estrutural está aumentando

($e_{ij} > 0$), isso quer dizer que a região i tem indústrias especializadas do setor j , e que determina o crescimento do número de empregados devido a isso. O componente homotético (e^*_{ij}) deve refletir a variação do número de empregos caso haja evolução na estrutura das 50 maiores cooperativas de MG, supondo que tudo permanecesse constante, “*ceteris paribus*”. O componente residual (e^{**}_{ij}) indica o que realmente aconteceu, mostrando a variação devido a interação na estrutura regional (DINC, HAYNES e QIANGSHENG, 1998; KEIL, 1992; ALBINO E BRAGA, 2016).

O efeito competitivo (c_{ij}) indica a relação do desempenho relativo da indústria específica em uma região e as decisões gerenciais de cada organização. Portanto, este efeito reflete a vantagem competitiva diferencial (REIG, 2007). O efeito competitivo foi separado em outras duas variáveis: componente homotético e residual. O componente homotético (c^*_{ij}) indica a variação esperada do número de empregados das cooperativas estudadas em um determinado setor de atividades e uma região. O componente residual (c^{**}_{ij}) é o resultado obtido pelas cooperativas derivado das suas decisões e interações com o meio (setor de atividade e região) no qual ela se encontra inserida.

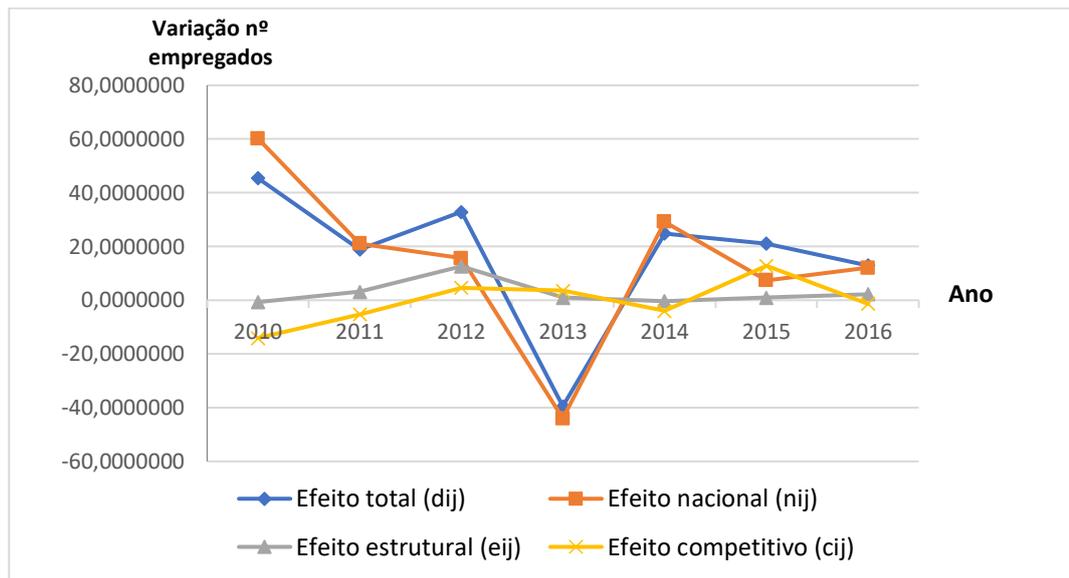
Resultados e discussões

Segundo dados do anuário de informações econômicas e sociais das cooperativas, divulgado pela Ocemg, o número de empregados nas 50 maiores cooperativas mineiras, analisadas no período de 2009 a 2015, cresceu cerca de 10%. Os ramos, agropecuário e saúde, são responsáveis por mais de 80% desse número, em todo o período. Os dados também mostram crescimento expressivo do setor de crédito, partindo de 4% em 2009 para 10% em 2015. Os ramos de transporte e consumo somam uma participação de 10% nos números registrados.

O setor agropecuário supera todos os ramos tanto em número de cooperativas quanto em número de empregados. Apesar de ter tido queda em seus números, o setor foi responsável por mais da metade do número de empregados em todo o período analisado, empregando mais de 10.000 pessoas por ano. As cooperativas do ramo agropecuário apresentam a mais expressiva movimentação econômica (OCEMG, 2016).

A análise *shift share* permitiu decompor os dados e identificar quais efeitos (nacional, estrutural ou competitivo) foram responsáveis pela geração de empregos no ranking mineiro de cooperativas. Nesse sentido, o gráfico 1 apresenta a variação do número de empregados nas regiões de Minas Gerais no período de 2009 a 2015.

Gráfico 1. Variação média do número de empregados nas 50 maiores cooperativas mineiras de 2009 a 2016.



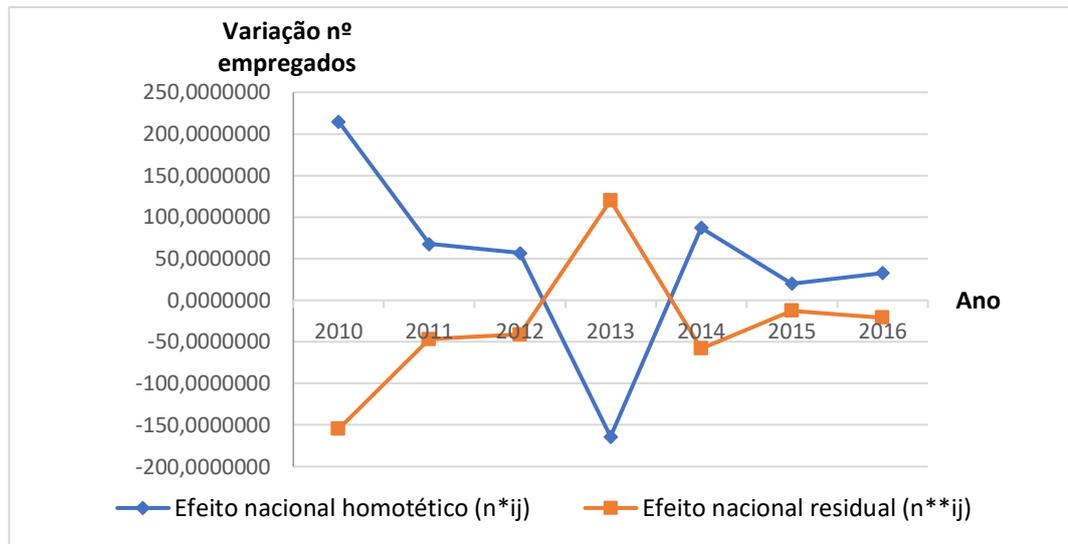
Fonte: Resultados da Pesquisa

Como indica o Gráfico 1, a variação no número de empregados acontece, basicamente devido ao efeito nacional, o que pode ser observado diante da superioridade deste efeito durante quase todo o período sobre os efeitos estrutural e competitivo. Ou seja, o número de empregados aumenta ou diminui de acordo com a demanda nacional (SESSO FILHO et al., 2010).

Em 2010, os resultados dados indicam o número de empregados varia devido ao efeito estrutural e o competitivo. Ou seja, devido à especialização produtiva (e_{ij}) e a vantagem competitiva (c_{ij}) das cooperativas específicas na região. O setor que arrasta esse crescimento é o agropecuário, como mostram os dados do anuário de Informações Econômicas e Sociais, da Ocemg.

Os componentes da análise ($d_{ij} = n_{ij} + e_{ij} + c_{ij}$) representam a variação do número de empregados de um ano em relação ao anterior, e refletem suas consequências no período subsequente.

Gráfico 2. Decomposição média do Efeito Nacional em Homotético e Residual.

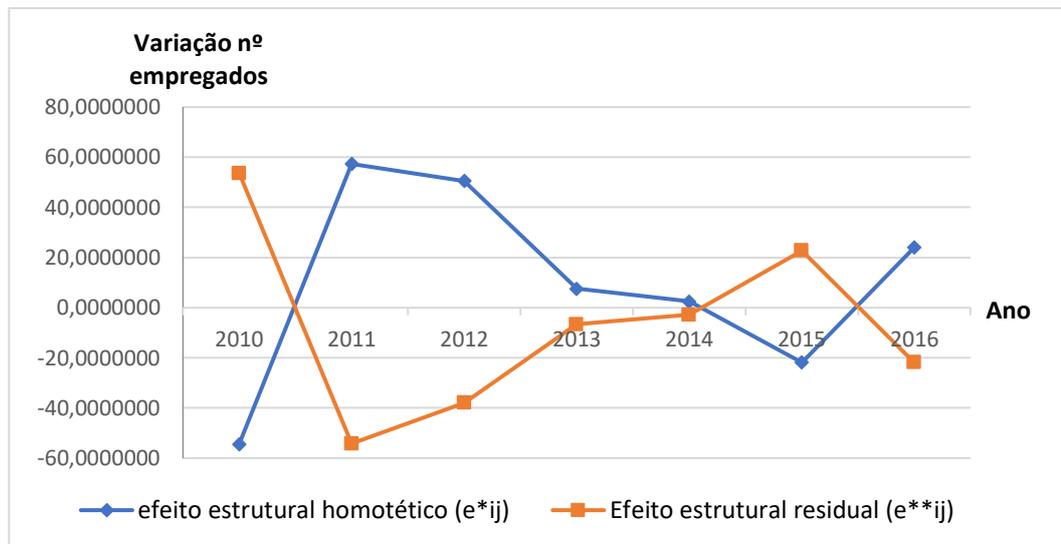


Fonte: Resultados da Pesquisa

O Gráfico 2 mostra a decomposição do efeito nacional em homotético (n^*_{ij}) e residual (n^{**}_{ij}). O componente homotético representa a variação esperada no número de empregados das cooperativas. O efeito nacional residual representa o que realmente aconteceu com o número de empregados devido a conjuntura macroeconômica do país. De acordo com isso, fica evidente que o número de empregados variou devido à economia nacional, aparentemente, não havendo ações específicas geradas exclusivamente nas regiões e setores analisados.

O Gráfico 3 apresenta a decomposição do efeito estrutural em homotético (e^*_{ij}) e residual (e^{**}_{ij}). Como mostra a figura, o efeito estrutural apresenta grandes variações durante o período analisado. No entanto, a especialização produtiva das regiões estudadas têm proporcionado variações no emprego das cooperativas.

Gráfico 3. Decomposição do efeito Estrutural em homotético e residual



Fonte: Resultados da Pesquisa

De acordo com os resultados do trabalho, os ramos responsáveis por esta variação são, principalmente, agropecuário e saúde, que juntos somam 75% das cooperativas presentes no ranking no período estudado. As cooperativas agropecuárias estão, em sua maioria, localizadas na região Sul de Minas Gerais. Já as maiores cooperativas de saúde, em termos de número de empregados, estão na região Central do estado.

Segundo dados do IBGE (2013), a região Central de Minas Gerais apresenta o maior PIB do estado, seguido da região Sul de Minas. Essas regiões, como mostram os dados, são mais desenvolvidas economicamente em relação às demais, e por isso podem oferecer uma estrutura competitiva para os setores de atividades, afetando o emprego.

De acordo com o IBGE (2013), a região Central de Minas Gerais é a mais próspera do estado, responsável por 47% do PIB e 48% dos empregos formais em 2011. A composição setorial do PIB regional revela predominância do setor de serviços, responsável por 56,9% da renda gerada, seguido pela indústria (41,4%) e pela agropecuária (1,7%). Vale ressaltar que o setor de serviços é intensivo em mão de obra.

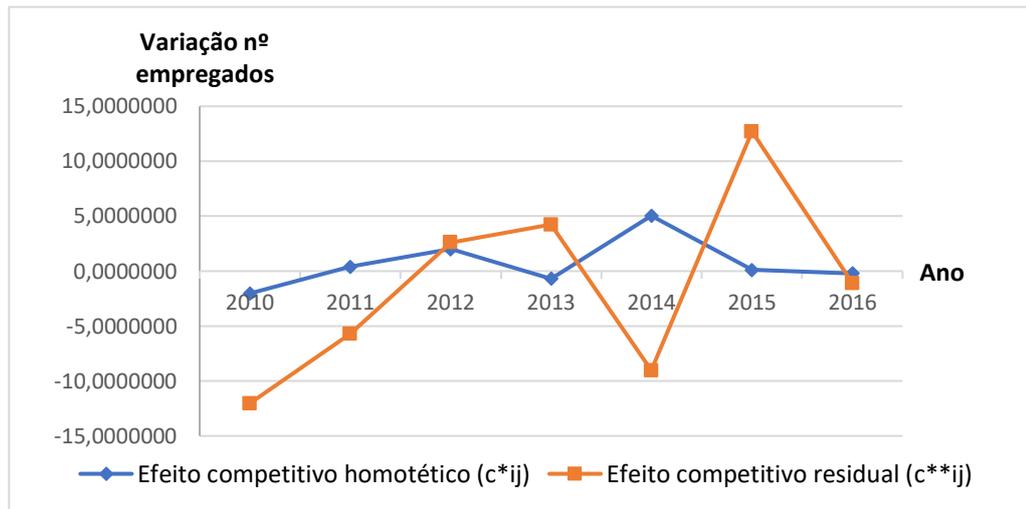
Segundo a Agência de Promoção de Investimento e Comércio Exterior (INDI), a proximidade com São Paulo é papel fundamental na economia do Sul de Minas, pois além de estar perto do maior centro consumidor do país, as indústrias paulistas buscam nessas regiões uma forma de obter vantagem competitiva, através de menores custos de

uma forma geral. A região também apresenta diversas vantagens em logística, dentre elas a BR-381, conhecida como rodovia Fernão Dias, e o Porto Seco Sul de Minas.

“A rodovia Fernão Dias tem uma importância fundamental, pois faz parte do mais relevante eixo rodoviário nacional, constituindo-se num corredor de transporte tanto para abastecer o mercado interno como para exportar” (ALMEIDA, 2004, p.2). Segundo o Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais (DER-MG), 43% da economia mineira, 20% de toda a produção do parque industrial de Minas e de São Paulo, e aproximadamente 3 milhões de toneladas da produção agrícola mineira passam pela Fernão Dias. O Porto Seco Sul de Minas, localizado na cidade de Varginha, na região do Sul de Minas Gerais, foi a primeira Estação Aduaneira do Interior a entrar em funcionamento no Brasil, inaugurada em 1993. O Porto Seco está estrategicamente localizado em função de reduzir custos, reduzir tempo, aumentar os lucros e competitividade das empresas (FERNANDES, 2004).

Gráfico 4 mostra a decomposição do efeito competitivo em homotético e residual. De acordo com o gráfico, o número de empregados foi inferior ao esperado nos anos de 2009 a 2011. No ano de 2012, essa variação foi superior ao esperado. Nesse período, a crise financeira do país faz com que a economia entre em declínio. Como as cooperativas são lentas na tomada de decisões, o quadro de funcionários foi superior ao que se esperava, pois parece que não tomaram decisões imediatas quanto ao seu quadro de funcionários, mantendo-o acima do esperado considerando o momento econômico da nação. Décio Zylbersztajn (2016) explica que, “cada cooperado, um voto. Dessa forma, a tomada de decisão nas cooperativas é sempre uma eleição, é política, é lenta e continuamente negociada”. A rapidez de tomada de decisão é importante para se manter competitivo, porém isso não ocorre em processo autogestionário, presente nas cooperativas.

Gráfico 4. Decomposição do efeito competitivo em homotético e residual.



Fonte: Resultados da Pesquisa

As tomadas de decisões estratégicas nas cooperativas são dependentes da legitimação em assembleias e no conselho, partindo dos princípios de democracia e igualdade. Isso faz com que aumente os custos de participação e de tomadas de decisão, comparado a outras organizações. “Desse modo, esse processo se torna lento e custoso, seja pela demora do processo participativo ou pela presença dos cooperados na gestão. No entanto, as cooperativas podem sofrer prejuízos no processo de adaptação ao mercado, diminuindo sua competitividade” (PRESTES, 2015, p.29).

Em 2013, possivelmente devido à estagnação das estratégias corporativas, o componente residual apresenta queda e a variação do número de empregados é menor que o esperado. Em 2014, percebe-se grande variação positiva no componente residual, voltando a superar o homotético. Possivelmente, esse efeito positivo é devido à resposta tardia, como apontado por Zylbersztajn (2016) e Prestes (2015), das cooperativas em relação ao crescente efeito homotético no ano anterior. Em 2015, o componente homotético é constante enquanto o residual é decrescente, possivelmente pelo mesmo motivo ocorrente nos períodos anteriores.

Considerações finais

As cooperativas apresentam grande importância econômica e social no estado de Minas Gerais. As cooperativas contribuem para o desenvolvimento local das regiões,

assim como as regiões proporcionam fatores que influenciam no desenvolvimento das cooperativas. O desenvolvimento do presente estudo possibilitou identificar quais fatores influenciam a competitividade das cooperativas. Os resultados mostraram que o efeito nacional é o que exerce maior influência sobre a variação do número de empregos. Isso indica que, o contexto socioeconômico do país exerce influência na competitividade dessas organizações.

O estudo também mostrou relevância dos efeitos estrutural e competitivo. Quanto ao primeiro, as regiões Sul e Central de Minas mostram obter uma estrutura capaz de afetar a competitividade. Dentre esses fatores estruturais, foram destacados aqueles que envolvem a logística. No entanto, coube mencionar a importância da rodovia Fernão dias e do Porto Seco Sul de Minas. O efeito competitivo também afeta a variação do emprego, no sentido de que, as decisões estratégicas são tomadas de forma lenta, influenciando negativamente a competitividade quando se trata da variação do emprego gerado pelas organizações cooperativas.

O estudo identificou que há uma diferença regional, que é explicada pela concentração dos setores de atividades. O setor agropecuário é o mais expressivo de todos, sendo capaz de afetar diretamente o número de empregados das cooperativas em cada região.

O trabalho sugere que as tomadas de decisão estratégicas são políticas que ajudarão a melhorar o indicador de competitividade. Dessa forma, futuros trabalhos poderão ampliar a pesquisa para os outros estados da federação.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, P e FERREIRA, J. Envelhecimento, emprego e remunerações nas regiões portuguesas: uma análise *shift-share*. *EURE (Santiago)*, vol.41, pg.122, 2015.

ALMEIDA, E.S. A Duplicação Da Rodovia Fernão Dias: Uma Análise De Equilíbrio Geral. *XXXII Encontro Nacional De Economia*, João Pessoa, Paraíba, 2004.

ARCELUS, F. J. An extension of shift-share analysis. *Growth and Change*, v. 15, n. 1, p. 3-8, 1984.

AVELAR, J. M. B. Competitividade das regiões e o Desenvolvimento Econômico. *VII Encontro Paranaense De Pesquisa E Extensão Em Ciências Sociais Aplicadas*, Campo Mourão, Paraná, Brasil, 2011.

CUADRADO, J. R. R., MANCHA, T. N. e GARRIDO, R. Y. Convergencia regional en España: hechos, tendencias y perspectivas. Madrid: *Fundación Argentaria*, 1998. v. 8.

DINC, M. e HAYNES, K. E. Sources of regional inefficiency: An integrated shift-share, data envelopment analysis and input-output approach. *The Annals of Regional Science*, v. 33, p. 469-489, 1999.

DINC, M., HAYNES, K. E. e QIANGSHENG, L. A Comparative evaluation of shift-share models and their extensions. *Australian Journal of Regional Studies*, v. 4, n. 2, p. 275-302, 1998.

ESTEBAN-MARQUILLAS, J. M. Shift-and Share Analysis Revisited. *Regional and Urban Economics*, v. 2, n. 3, p. 249-255, 1972.

FARINA, E. M. M. Q. Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual. *Gestão e Produção*, v.6, n.3, p. 147-161, dez. 1999

FERNANDES, M. *logística do escoamento do café do Sul de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado do programa de pós graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2004.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Perfil de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/PerfildeMinasGerais2013.pdf>>. Acesso em: Out. 2017.

GARRIDO, R. Y. Cambio estructural y desarrollo regional en España. Madrid: [s.n.].

GRAMACHO, A. Cooperativas agrícolas e globalização. *Agroanalysis*, p. 14-15, ago. 1997.

HAYNES, K. E. e DINC, M. Productivity Change in Manufacturing Regions: A Multifactor/Shift-Share Approach. *Growth and Change*, v. 28, p. 201-221, 1997.

INDI, Agência de Promoção de Investimentos e Comércio Exterior de Minas Gerais. Os motivos que fazem a região atrair tantos investimentos – Investa em Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.indi.mg.gov.br/o-que-o-sul-de-minas-gerais-tem/>>. Acesso em: out. 2017.

KEIL, S. R. On the Value of Homotheticity in the Shift-Share Framework. *Growth and Change*, v. 23, n. 4, p. 469-493, 1992.

KNUDSEN, D. C. e BARFF, R. Shift-share analysis as a linear model. *Environment and Planning A*, v. 23, n. 3, p. 421-431, 1991.

MAYOR, M. e LÓPEZ, A. J. *La Dinámica Regional del Empleo. Una aproximación basada en análisis Shift Share Estocástico Anales de economía aplicada*. Almeria, 2003.

OCB, Organização das cooperativas Brasileiras. Cooperativismo. Disponível em <<http://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>>. Acesso em: out. 2017.

OCEMG, Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais. Anuário de informações Econômicas e Sociais. Disponível em: <<http://www.minasgerais.coop.br>>. Acesso em: Out. 2017.

PORTER, M. E. Estratégia competitiva: técnicas para a análise de indústrias e da concorrência. Tradução: Elizabeth Maria de Pinho Braga. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986. 362 p.

PRESTES, R. V. *Desafios e vantagens no cooperativismo : estudo de caso em uma cooperativa de flores e plantas ornamentais do Distrito Federal*. Monografia (Monografia da Universidade de Brasília), Planaltina, Distrito Federal, 2015.

REIG, E. M. Competitividad, crecimiento y capitalización de las regiones españolas. Bilbao: [s.n.].

RECH, Daniel. Cooperativas: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

RICCIARDI, L; LEMOS, R. J. Cooperativa, a empresa do século XXI: como os países em desenvolvimento podem chegar a desenvolvidos. São Paulo: LTr, 2000.

RODRIGUES, R. O cooperativismo na globalização. *Agroanalysis*, p. 10-12, ago. 1997.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Los espacios de la globalización. *Anales de Geografía de la Universidad Complutense*, Madrid, n. 13, p. 69-77, 1993.

SESSO FILHO, U. A. et al. Decomposição estrutural da variação do emprego no Brasil, 1991-2003. *Economia Aplicada*, v. 14, n. 1, p. 99-123, 2010.

Sistema OCEMG. Cooperativas mineiras estão no ranking das melhores e maiores empresas do país. Disponível em: <<http://www.minasgerais.coop.br/pagina/8391/cooperativas-mineiras-este-227-o-no-ranking-das-melhores-e-maiores-empresas-do-pae-237-s.aspx>>. Acesso em: out. 2017.

SMITH, N. Uneven Development: Nature, Capital and the Production of Space. Athens/London: The University of Georgia Press, 2008.

SOUZA, M. M. C. Gestão Cooperativa e desenvolvimento local: um estudo de caso de cooperativa de crédito de São Roque de Minas SICOOB SAROM – CREDI. Disponível em: <http://locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/4094/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: Out. 2017.

WADLEY, D. e SMITH, P. Straightening up shift-share analysis. *The Annals of Regional Science*, v. 37, p. 259-261, 2003.

ZYLBERSZTAJN, H. Cooperativismo não é panaceia: depoimento. [Setembro 2016]. São Paulo: Revista *MundoCoop*.